



## EDUCAÇÃO DO CORPO E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO

Thaís Barbirato Monteoliva

Harian Pires Braga

Edivaldo Góis Junior

Ao longo do século XX, o corpo se constituiu como objeto de estudo presente em diferentes campos das ciências humanas, sobretudo, na história, na sociologia e na antropologia. A noção de educação do corpo, problematizada por Carmen Soares (2000), auxilia-nos a compreender como determinadas representações buscam adequar os comportamentos dos sujeitos, podendo ser traduzidas em práticas, pedagogias, técnicas e políticas voltadas aos modos considerados adequados de viver em uma dada sociedade.

Na concepção de modernidade europeia, o corpo passou a ser objeto de intervenção científica, médica e pedagógica a partir da articulação da industrialização e dos processos de mecanização do trabalho; dos saberes advindos do desenvolvimento da medicina e da epidemiologia nos séculos XIX e XX; dos lazeres urbanos nas metrópoles voltados para a promoção dos esportes, das danças e artes corporais; e da escolarização das massas como caminho de afirmação dos preceitos modernos nos estados nacionais (Gois Junior, 2020). Emerge a ideia de um corpo sadio e, dando prosseguimento a uma tradição de pensamento iluminista, a vida passa a ser considerado em fases, da infância, à velhice, passando pela vida adulta (Gois Junior, 2020).

Em termos hipotéticos, uma educação do corpo voltada à velhice poderia ser também compreendida por meio de diferentes representações sobre o envelhecimento (Gois Junior, 2020). Como argumenta Stephen Katz (1996), estas representações são evidenciadas por meio de “tecnologias de diferenciação” que dão destaque às diferentes etapas do “curso da vida moderno”, possibilitando diferentes papéis sociais desempenhados por grupos de indivíduos pautados pela idade. Neste sentido, em relação ao envelhecimento, estas tecnologias podem ser compreendidas, principalmente, pelo incremento de conhecimentos científicos especializados em idosos, na sistematização de aposentadorias e pensões, e, por último, nos asilos (Katz, 1999; Groisman, 1999 *apud* Gois Junior, 2020).

Somado ao surgimento da gerontologia, o aumento do percentual de idosos na população preocupava a sociedade, que via diversos costumes e modos mudarem. Uma matéria encontrada no *Correio Paulistano* em sua coluna *Seja Curioso* há uma comparação dos baixos números brasileiros com os altos da população sueca, mas que de forma despreziosa já é um alarme para seu crescimento. “A população de São Paulo tem baixo coeficiente de velhice, ao contrário da população sueca. Em São Paulo, há 13 velhos para cada 100 crianças e adolescentes de 20 anos.” (Seja curioso, 1953, p. 1)

O banco de dados utilizado para analisar as representações desse público na década escolhida foram os grandes jornais da época, que disseminavam as

representações para um grande público-alvo como o *Correio Paulistano* e *A Gazeta Esportiva*.

## AS REPRESENTAÇÕES

A partir da leitura das e a consequente separação das menções às palavras chaves escolhidas foi criado um sistema de cinco categorias de análise, buscando agrupar especificidades nas temáticas dos textos. Portanto, as categorias analíticas criadas são para buscar uma melhor compreensão dos termos pesquisados e como a construção do corpo em meio ao envelhecimento deu-se. Vale frisar que essa categorização é de autoria própria, a partir do olhar de pesquisadora e não estavam presentes nos periódicos, ou seja, são categorias analíticas construídas pela autoria em uma fase análise posterior, não havendo essa organização nos textos pesquisados.

## INOVAÇÕES CIENTÍFICAS E A SAÚDE DA POPULAÇÃO

Pensando inicialmente nas interferências de diversos elementos nos corpos, temos como exemplos os elementos simbólicos, econômicos, subjetivos e sensíveis na construção social e cultural dos corpos (Sant'Anna, 2014). Ao percorrermos as fontes, encontramos essas interferências ligadas ao idoso principalmente de forma experimental e decisiva no modo de enxergar e vivenciar essa etapa da vida.

Em alguns momentos, encontramos nas fontes o processo mostrado por Debert (1997), que transforma as idades dos corpos em mecanismos privilegiados na criação de atores políticos e de novos mercados consumidores. Um exemplo disso é a coluna denominada *Velhice* no jornal *Correio Paulistano* no caderno destinado a mulheres, *Página Feminina*. É nela que aparecem artigos como "As rugas não significam velhice" que explanam dicas de alimentos que evitam o aparecimento das rugas e cremes que poderiam auxiliar em sua eliminação. Em seus termos: "Inegavelmente o problema das rugas constitui para muitas mulheres um fator preponderante de envelhecimento precoce." (As rugas..., 1953, p. 1).

Há, portanto, de forma clara e concisa, as tentativas de negar a idade mais avançada, e enfatizar a beleza de um corpo jovem, saudável e sem marcas. Essas tentativas, entretanto, ainda permanecem enraizadas na população mesmo após um período de quase oitenta anos de diferença da publicação para esta análise. Somado a estas negações, vemos uma comunidade que não está presente nos polos de ciência tentando implementar costumes de produtos que muitas vezes não possuem veracidade, mas que usam o nome e o poderio de uma descoberta científica para atrair os leitores. Há, também, uma falsa noção de benefícios em consumir estes produtos, sem haver, entretanto, uma elucidação de um malefício. Este artigo, em exceção, nega constantemente o uso de produtos que não são verificados pela ciência: "...quando acabam de vestir a elegante "toillete" que deverão exibir perante as amigas é que percebem os estragos da própria pele e procuram, assim à ultima hora, remediar - com cremes e preparados nem sempre recomendáveis - o descaso de muitos meses."(As rugas..., 1953, p. 1)

Somando a esta matéria, uma outra publicada dois anos depois, também na *Página Feminina*, recomenda e discorre sobre a "Diabetes". Nela, aparece o uso de suplemento vitamínico que claramente são apenas utilizados em caso de recomendação médica para pacientes pré e pós procedimentos cirúrgicos.

O Dr. Shute e seus colaboradores no Canadá obtiveram resultados surpreendentes por meio de tratamentos fortes em vitamina E. Esses médicos tiveram que receitar vitamina E a um senhor idoso, cujo coração

não resistiria a amputação de uma perna, atacada de gangrena diabética. O tratamento teve início numa sexta feira, ocasião em que o paciente estava impossibilitado de andar. Na segunda feira já se havia ele levantado. (Diabetes, 1955, p. 1).

Acredita-se, também, que a idade diminua a gravidade da diabetes somada a uma melhor dieta adotada mas que é falha na quantidade de vitaminas: “Geralmente, a gravidade do diabetes decresce com o aumento da idade, e é controlada pela chama dieta diabética cuidadosamente equilibrada em proteínas, gorduras, hidratos de carbono. Essa dieta, entretanto, é falha em vitaminas.”(Diabetes, 1955, p. 1).

Há, por fim, uma dificuldade de entendimento na época sobre qual caminho tomar: aceitar suas limitações e marcas da idade ou negá-las e encobri-las com intuito de se tornar jovem novamente em seu exterior. Somado a este dilema, há o surgimento de discursos de produtos associados à melhoria da saúde e que, supostamente, teriam seus usos indicados por médicos. Um processo de construção imagética que faz com que o corpo em envelhecimento sendo pensado em mais facetas.

Vale ressaltar, inclusive, a presença de diversos artigos como “As rugas não significam velhice” e “Alimentação na Velhice” nos cadernos denominados *Página Feminina* do jornal *Correio Paulistano*. Este pode ser mais um indicativo do papel da mulher na sociedade, como a responsável pela saúde da família, sua alimentação, forma de se vestir e, também, do descaso do homem com sua própria saúde. Há, então, um direcionamento para o alienar o pensamento e posicionamento da mulher na sociedade da década de 50 e 60.

## **DECADÊNCIA E FRAGILIDADE**

A visão de “Eterna Juventude” está claramente voltada para o mercado de consumo. Entretanto, é visível que a velhice possui uma representação de um processo contínuo de perdas, incluindo o abandono, o desprezo e a ausência de papéis sociais (DEBERT, 1997). Este conjunto de perdas é um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais como a aposentadoria universal. Entretanto, a tendência contemporânea é a de inversão dessa representação, levando a atribuição dessa fase como momento privilegiado para novas conquistas guiadas pela busca do prazer, oportunidade de reaver novas identidades, retomar projetos abandonados, etc. Esta nova visão levou a uma precariedade dos mecanismos para lidar com problemas da velhice avançada. (DEBERT, 1997).

Estes problemas, para Debert (1997), são significados na sociedade como culpa dos próprios indivíduos que negligenciaram seus corpos. Pensando nisso, um artigo presente no jornal *Correio Paulistano* no ano de 1951, dialoga com a ideia de maus hábitos e costumes direcionando a culpa da velhice para aqueles que possuem esses maus costumes:

...envelhecer é uma contingencia natural da vida, um tributo que o ser vivente tem de pagar um dia...Porque há velhos e velhos: uns visivelmente gastos, denotando nos atos e nas palavras o declínio da vitalidade; outros sempre lépidos e lúcidos, enganando a idade, apesar das rugas e dos cabelos brancos...a velhice nada mais é que um mau costume. (A corajosa..., 1951, p.7)

Neste excerto, podemos ver também uma ambiguidade nas ideias, visto que inicialmente há uma caracterização de um processo natural mas que é redirecionado para culpar um individuo por suas escolhas. Atualmente, sabe-se que bons hábitos e costumes

geram menores pretensões às comorbidades associadas e suas doenças, mas que os processos orgânicos vão se diferenciando conforme a idade vai avançando e se deteriorando por diversos motivos.

Em outro artigo, entretanto, essa visão de culpa não aparece e prevalece a ideia da natureza ser responsável. Esta visão talvez seja diferenciada porque está presente em uma coluna reservada para médicos denominada *Diário de um Médico*, publicada logo na primeira página e que possui um viés muito voltado à biologia e à fisiologia. Há, também, uma forma de enquadrar um indivíduo como sendo ou não idoso através da presença ou falta de doenças como a arteriosclerose e a hipertensão arterial:

Disseram algures que o processo de envelhecer é uma perda progressiva da capacidade do organismo para adaptar-se ao conjunto das modificações externas. É certo. O velho é menos ágil física e intelectualmente...Há uma doença a que sempre se refere a velhice: a arteriosclerose e a hipertensão arterial como etapa previa. (Plá, 1954, p. 1)

Esta representação de decadência e fragilidade se entrelaça na representação de saúde e inovações científicas, visto que a saúde mental e física deteriorada levam a um pessimismo e desesperança por parte da população em questão. O apego à religião brevemente aqui tratado e o descaso da família por parte desses idosos, acentuam a dificuldade em aceitação de suas idades e limitações.

## **COMPARAÇÃO DAS DIFERENTES GERAÇÕES**

Se analisarmos as formas como os corpos são definidos e enquadrados, podemos observar um padrão onde a economia impera e articula essa sociedade. Para Pat Thane (2003), as idades para a velhice foram definidas em diferentes contextos por diferentes grupos sociais, de forma que não se sabe se ela foi definida cronologicamente, funcionalmente ou culturalmente. Esta última refere-se a idade em que o indivíduo “parece velho” de acordo com as normas de uma comunidade e é tratado como tal. Percebe-se, portanto, uma dificuldade de delimitar e enquadrar o que é “velho” e “jovem”.

Pensando nesta última forma de definição como a mais utilizada e consensual, observamos em diversos artigos a presença de uma comparação dessas diferentes idades e um sonho inalcançável de voltar a possuir este espírito jovem, saudável e muitas vezes: feliz. Este pessimismo pode ser visto em diversos artigos, como o intitulado “Velharia” de 1950:

Todos nós temos em casa um cantinho reservado às velharias, os trastes velhos..., mas esse abrigo de inválidos sempre existe. E há mesmo quem o mantenha dentro do próprio coração, onde se amontoam, envoltas na teia de aranha da saudade, as lembranças de um tempo que passou e que não volta. Mas o homem só é velho quando quer. A velhice propriamente dita não está no físico, nem nos cabelos brancos. Está na alma. Um espírito nobre e despreocupado, que sabe reconhecer as fazes boas da vida e passa incólume pelas suas asperezas, não se enervando à toa nem ligando ao preconceito e à intriga, esse é sempre moço, ainda que sua fronte venha a ondular-se de rugas e os cabelos alvejem sob a influência hibernal dos anos. Dizem que a velhice se denuncia quando o homem principia a recordar. (Velharia, 1950, p.7)

Neste excerto, podemos novamente ver a responsabilização da velhice por parte daquele que não se cuidou quando jovem ou, como o artigo demonstra, não apresenta uma “alma” jovem, caracterizada por falta de preocupação e um espírito nobre. Este

homem que, mesmo acometido pelas rugas, não será considerado velho devido à sua forma de pensar e ver o mundo.

Este ponto, entretanto, é curioso ao se comparar com os artigos encontrados anteriormente com relação a visão da mulher acometida pelas rugas. Ela, diferente do homem, deveria mascará-las e não as aceitar, sendo este um grande motivo de preocupação pela sociedade feminina da época.

Por fim, esta representação não pode ser analisada sem que percebamos a sua relação com a parte de “Decadência e Fragilidade” visto que ao comparar o “velho” com o “jovem”, há a presença da ideia de um pertencente ao corpo ultrapassado e o outro pertencente ao corpo sadio.

## REFERÊNCIAS

A CORAJOSA velhice. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 7, 28 ago. 1951.

AS RUGAS não significam velhice. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 1, 12 set.1953.

DEBERT, Guita Brin. Envelhecimento e curso da vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 5, n. 1, p. 120, 1997.

DIABETES. **Correio Paulistano**, São Paulo, p.1, 23 jan. 1955.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **A História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SEJA CURIOSO. **Correio Paulistano**, São Paulo, p.1, 18 ago. 1953.

SOARES, Carmen Lúcia. Notas sobre a educação no corpo. **Educ. rev.**, Curitiba n.16, p.43-60, dez. 2000.

THANE, Pat. Social histories of old age and aging. **Journal of Social History**, v. 37, n. 1, p. 93-111, 2003.

PLÁ, Paulo C. O que pretende a geriatria. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 1, 3 jan. 1954

GOIS JUNIOR, E. A “luta contra a morte”: os corpos, modernidade brasileira e uma história da velhice (São Paulo e Rio de Janeiro, anos de 1930). **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, jan./mar. 2020.

VELHARIA. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 7, 16 jun. 1950.